

A IA vai acabar com a psicanálise?

Artigo Programas de saúde procuram sistematizar a aplicação da inteligência artificial em atendimentos de massa. Por *Sérgio Telles*, para o Valor, de São Paulo

Ainda não muito difundido no Brasil, o uso de inteligência artificial (IA) para fins de atendimento psicoterápico em diversas abordagens é uma realidade nos Estados Unidos. Programas de saúde do governo e companhias de seguro procuram sistematizar a aplicação da IA em atendimentos de massa, suprimindo a crescente procura e a escassez de profissionais, assim como contornar os custos proibitivos do tratamento psicoterápico para a maioria da população.

Autoridade mundial em IA seguida por milhões nas redes sociais, Lance Eliot foca seu interesse especificamente na ligação da IA com a psicanálise. No artigo “How Psychoanalysis Can Be Used to Study AI’s Complexities” (Como a psicanálise pode ser usada para estudar as complexidades da IA, 2024), faz uma apresentação sintética do funcionamento da IA generativa e estabelece linhas de exploração para um trabalho conjunto entre os dois campos. Em diálogos com o chatbot, Lance comprova a capacidade que ele tem de produzir interpretações psicanalíticas. Lance mostra a imprevista afinidade entre uma criação científica de ponta (a IA generativa) e a psicanálise, cuja morte por obsolescência já foi muitas vezes decretada pela própria “ciência”.

Como em todos os campos, o uso da IA nos tratamentos psicoterápicos e na própria psicanálise alimenta a fantasia de que ela tornaria obsoleta a presença humana. Ao ser indagado sobre essa possibilidade, o próprio ChatGPT a rejeita, afirmando que a interpretação psicanalítica tem uma imprescindível dimensão transferencial-contratransferencial, própria de uma relação afetiva entre dois seres humanos, coisa que ela (inteligência artificial) jamais poderá estabelecer.

Contudo, devemos lembrar que se o ChatGPT não é capaz de estabelecer



DONALD IAIN SMITH/STOCK/GETTY IMAGES

uma contratransferência com o usuário que o utilize para fins terapêuticos (um “paciente”, digamos assim), este pode perfeitamente desenvolver uma transferência em relação ao chatbot, como afirma Leslie Chapman (2025) e vimos no filme “Ela” (2013), dirigido por Spike Jonze.

O que importa salientar é que se a interpretação fornecida pela IA exclui a relação transferencial-contratransferencial, isso não a anula, pois ela retém a dimensão hermenêutica, a decifração dos conteúdos inconscientes que se expressam numa lógica própria, diferente da lógica racional.

A IA está sendo usada na medicina em programas que recebem a história clínica do paciente e os exames laboratoriais relacionados, com esses dados produz hipóteses diagnósticas e pro-

põe condutas terapêuticas que coloca à disposição do clínico. Não é legítimo pensar algo semelhante em relação à psicanálise? O chatbot poderia vir a ser uma forma promissora de checar nossas próprias interpretações?

Na formação psicanalítica, é fundamental a presença do supervisor, um analista de maior experiência clínica e conhecimento teórico a quem recorre o analista jovem. Poderia a IA ser uma espécie de “supervisor” que apontaria as possibilidades interpretativas de um determinado material, que seriam então confrontadas pelo próprio analista que o consulta (ao comparar sua própria interpretação com a produzida pela IA) e pelo supervisor convencional, capaz de lidar com a transferência, que, como vimos, a IA não consegue?

Seriam espúrias tais considerações?

O uso da IA nos tratamentos psicoterápicos e na psicanálise alimenta a fantasia de que ela tornaria obsoleta a presença humana

Uma capitulação às máquinas invasoras que vão nos eliminar? Uma degradação da psicanálise, que ficaria uma coisa “maquinal”, “estereotipada”, “desumana”? Penso que não. Devemos manter a ininterrupta defesa do saber psicanalítico, permanentemente atacado por forças que tentam reprimir e negar a descoberta freudiana do inconsciente, mas isso não significa idealizar ou mistificar a psicanálise, deixando-a impermeável a novos desdobramentos. Nossa prática deve ser o mais transparente possível, distante do pensamento mágico-religioso e próximo da objetividade de uma racionalidade que não exclua o inconsciente.

O fato de a IA poder interpretar psicanaliticamente não nos torna obsoletos, pois à sua interpretação falta a dimensão transferencial, que é nosso apanágio. Pelo contrário, mostra que nosso conhecimento é consistente, tem uma epistemologia própria, que as interpretações não são delírios ou construções arbitrárias criadas ao sabor dos humores dos analistas e sim uma refinada e complexa construção ideofetiva.

Não é possível prever os efeitos positivos e negativos da divulgação em larga escala dos conhecimentos analíticos que a IA pode proporcionar. Por exemplo, aumentariam as defesas e resistências ligadas à racionalização? O sujeito poderia discurrir sobre seu próprio inconsciente, sem ter um verdadeiro contato com ele.

A afirmação de que as máquinas dominarão o mundo e o destruirão deve ser interpretada. Mais uma vez projetamos no exterior — nas “máquinas” — a destrutividade que nos é inerente. Se algum dia o mundo for destruído (excluindo cataclismos), o mais provável é que o seja não pelas “máquinas”, e sim pelos homens que as controlam.

Sérgio Telles é psicanalista e escritor ■

Vinho

Maurizio Zanella, jovem rebelde encontra sua causa



Jorge Lucki

Hoje, o fundador e presidente da Ca’ del Bosco, é reconhecido como um visionário, alguém que redefiniu os padrões dos vinhos espumantes italianos

Quando combinamos de nos encontrar em São Paulo para dar continuidade à conversa iniciada um mês antes, em um jantar pós-simpósio da Académie Internationale du Vin, Maurizio Zanella, fundador e presidente da Ca’ del Bosco, uma das vinícolas mais prestigiadas de Franciacorta, fez um pedido: que eu escolhesse um bom restaurante de comida brasileira, mas que fosse informal — “nada superinovador”.

O desejo por um restaurante brasileiro era compreensível, mas a preferência por pratos simples — “não quero comer pratos que não entendo” — destoava da imagem de gastrônomo que ele transmitia ao falar sobre sua relação com Luigi Veronelli (1926-2004), ícone do vinho e da gastronomia italiana.

Veronelli adotou o jovem Zanella nos primórdios da Ca’ del Bosco, em meados dos anos 1970, reconhecendo nele um compromisso com a qualidade que, na época, ainda era raro na região (tema da coluna anterior). Como mentor, incentivava-o a “sempre inovar e dignificar a terra para que ela lhe desse bons frutos”.

Mas a relação entre os dois ia além do vinho: Veronelli, que tinha problemas de visão e não podia dirigir, fez de Zanella seu motorista particular (o contato entre eles era frequente, facilitado pelo fato de Veronelli morar em Bergamo, cerca de meia hora de Erbusco, sede da Ca’ del Bosco).

Durante anos, o jovem Maurizio o acompanhava em viagens e jantares pelos melhores restaurantes da Itália, até que a situação mudou — Veronelli encontrou uma nova companheira, que decidiu assumir o volante por conta própria.

Talvez tenha sido justamente essa longa imersão na alta gastronomia que levou Zanella, em São Paulo, a buscar algo mais descomplicado. Depois de frequentar tantos restaurantes estrelados, a simplicidade de uma boa refeição brasileira parecia o verdadeiro luxo.

Maurizio Zanella nasceu em Bolzano, no Alto Adige, extremo norte da Itália, em 1956. Aos dois mudou-se com a família para Milão, onde seu pai alcançou sucesso nos negócios. Mas foi sua mãe, Annamaria Clementi — cujo nome mais tarde batizaria o Franciacorta de topo da vinícola — quem deu início à história da família em Erbusco. Saudosa das paisagens monta-



DIVULGAÇÃO

Maurizio Zanella, da Ca’ del Bosco

nhosas de sua terra natal, encantou-se, em 1964, com uma pequena propriedade de menos de dois hectares chamada Ca’ del Bosc (Casa do Bosque, no dialeto local), localizada a 90 km de Milão. Seu objetivo era usá-la como refúgio de fim de semana.

Na época, os preços da terra eram baixos, e o pai de Maurizio aproveitou para adquirir áreas vizinhas, expandindo a propriedade para 50 hectares (hoje são 280 hectares). A ideia inicial era simples: criar um pomar, alguns animais e desfrutar da vida no campo. Em 1968, um pequeno vinhedo foi plantado — um ano após Franciacorta receber a designação DOC —, mas sem grandes ambições. O vinho produzido não era para comercialização, apenas para consumo próprio e venda do excedente a produtores locais, como era costume.

Maurizio, no entanto, parecia distante desse projeto. Aluno desinteressado e frequentemente envolvido em confusões durante os movimentos estudantis do final da década de 1960, seus pais decidiram afastá-lo de Milão, enviando-o para Erbusco para cuidar da propriedade. Mas o jovem não se entusiasmou: passava os dias andando de moto, sem perspectiva ou interesse pela viticultura.

Foi então que surgiu uma oportunidade: aos 16 anos, aceitou um convite para

participar de uma viagem à França organizada pelo departamento de agricultura da Lombardia, voltada a produtores, com o objetivo de incentivar a vitivinicultura. No ônibus, os companheiros de viagem eram nobres e aristocratas, senhores de terras que pouco se preocupavam com a qualidade dos vinhos que suas vinhas produziam, deixando a produção nas mãos de meeiros, resultando em rótulos simples e baratos — reflexo comum da época.

O que parecia apenas um passeio, uma oportunidade de se afastar dos pais por alguns dias, acabou transformando sua vida. A primeira parada foi no Domaine de la Romanée-Conti, onde o maître de chai, André Noblet, apresentou-lhe os vinhedos de alta densidade (10.000 pés por hectare), explicando as razões dessa escolha — algo inédito na Itália naquela época. Enquanto os demais participantes da viagem desdenhavam, Zanella ouvia atento. Outro momento crucial foi a visita à Champagne, onde ele conheceu de perto um método de produção que poderia servir de modelo para Franciacorta.

Maurizio voltou entusiasmado e determinado a transformar a propriedade da família em algo muito maior. Apresentou ao pai um plano ousado: expandir os vinhedos, construir uma adega e produzir um espumante que rivalizasse com os grandes champanhes franceses. O jovem rebelde havia encontrado sua causa.

O pai, surpresa com a súbita determinação do filho, aprovou sua iniciativa, mas com um toque de pragmatismo. Disse-lhe que, se essa era sua ideia, deveria seguir em frente e tratar de conseguir um financiamento. Para isso, recomendou que elaborasse um projeto detalhado e solicitasse um empréstimo bancário. Como Maurizio ainda era menor de idade, sua mãe precisou acompanhá-lo para assinar o compromisso. Sem hesitar, ofereceu garantias. Sem esconder o ceticismo, advertiu-o: “Isso é loucura! Você não conseguirá pagar essa dívida e irá à falência.” Mal sabia ele (nem ela) que o pai já havia orquestrado discretamente a aprovação do crédito.

Com o projeto em andamento, Maurizio fez um ajuste simbólico, mas significativo: adicionou um “o” a “Bosc”, transformando o nome para “Ca’ del Bosco”, conferindo-lhe uma sonoridade mais elegante e italiana.

A sorte logo sorriu para ele. Luigi Ve-

ronelli provou um de seus primeiros rótulos e viu potencial no jovem Maurizio, apoiando-o. Mas, além do reconhecimento precoce, Zanella merece todo o crédito pelo sucesso que Ca’ del Bosco alcançou, pois foi ele quem implementou as ideias e os métodos que fazem toda a diferença na qualidade de seus vinhos.

Seus princípios incluem: vinhedos de alta densidade, plantados em encostas a altitudes mais elevadas, chegando a 400 metros — um fator cada vez mais relevante diante do aquecimento global; abandono de defensivos agrícolas convencionais e adoção gradual da cultura orgânica; além de um processo inovador de vinificação, que consiste em lavar as uvas antes da fermentação, algo raro no mundo do vinho. As instalações ultramodernas da vinícola garantem um processamento sem contratempos e com alto padrão de higiene.

Esse último ponto gera debate. Lavar as uvas remove as leveduras naturais presentes na casca, o que pode comprometer uma fermentação espontânea e mais autêntica. Zanella defende a técnica, argumentando que ela elimina resíduos de cobre e enxofre, usados na proteção das videiras (mesmo na viticultura orgânica e biodinâmica). Como resultado, seus vinhos brancos são mais puros e limpos aromáticamente, além de exigirem menores adições de anidrido sulfuroso. Quanto à fermentação, ele rebate as críticas afirmando que cerca de 70% ocorrem com leveduras internas da própria uva.

Hoje, Maurizio Zanella é amplamente reconhecido como visionário, alguém que redefiniu os padrões dos vinhos espumantes italianos, elevando Franciacorta a um nível de prestígio internacional. Seu trabalho foi crucial para posicionar a região como uma alternativa de luxo aos champanhes franceses, criando uma identidade forte e diferenciada para seus vinhos.

Atualmente, Ca’ del Bosco é sinônimo de excelência, e Zanella continua a inspirar vinicultores na Itália e no mundo, especialmente aqueles que buscam o equilíbrio entre tradição e inovação.

Jorge Lucki escreve neste espaço semanalmente

E-mail: Colaborador-jorge.lucki@valor.com.br ■